

Letras - Linguística



FFLCH

Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo



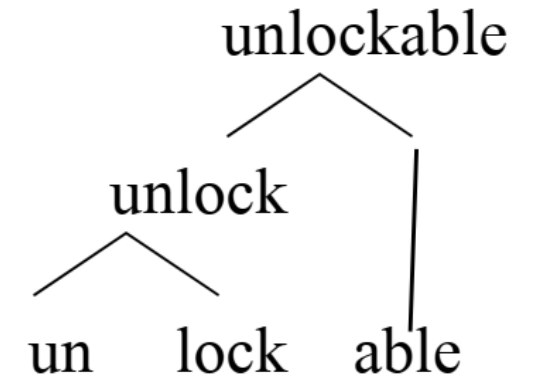
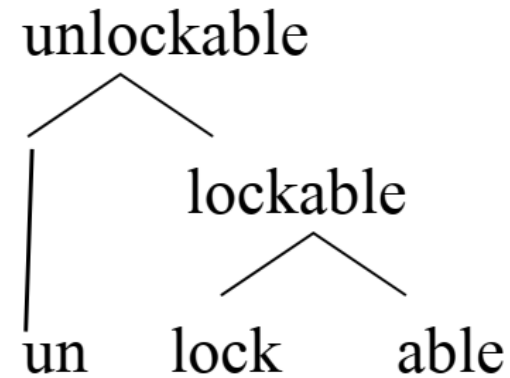
FLL0435
AGOSTO, 2021
PROFA ANA PAULA SCHER

PROBLEMAS CLÁSSICOS E A NOÇÃO DE PALAVRA

LINGUÍSTICA – USP

Retomada

Table 3.1.	in-	ex-	con-	re-	trans-	de-
-port						
-mit						
-ceive						
-duce						
-cede						
-fer						
-scribe						
-gress						
-sist						



parentetização

[un [lock able]]

[[un lock] able]

- Morfemas:
 - a) Segmentar ou não?
 - b) Definição de morfemas;
 - c) Intuição do falante: formas complexas.

A estrutura morfológica concatena elementos hierarquicamente: *un-* é uma **função** que tem as seguintes propriedades:

- toma o adjetivo *lockable* como seu argumento, e forma o adjetivo *unlockable* (1);
- toma o verbo *lock* como seu argumento e forma o verbo *unlock*;

MORFOLOGIA PROBLEMAS CLÁSSICOS (CONT.)

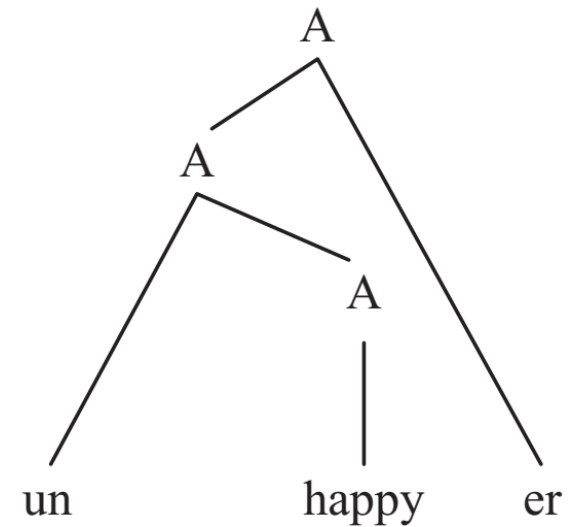
**Paradoxo da
parententização**

Paradoxo da parentetização

- *Unhappier* é a forma comparativa do adjetivo *unhappy*, no inglês.

- a) Seu significado é *mais infeliz*;
- b) Sua estrutura interna, portanto, deveria ser como (5):

(5) [_A[_Aun-[_Ahappy]]-er]



- Essa estrutura, no entanto, representa um problema para a regra de formação de adjetivos comparativos do inglês, que depende de propriedades fonológicas desses adjetivos:

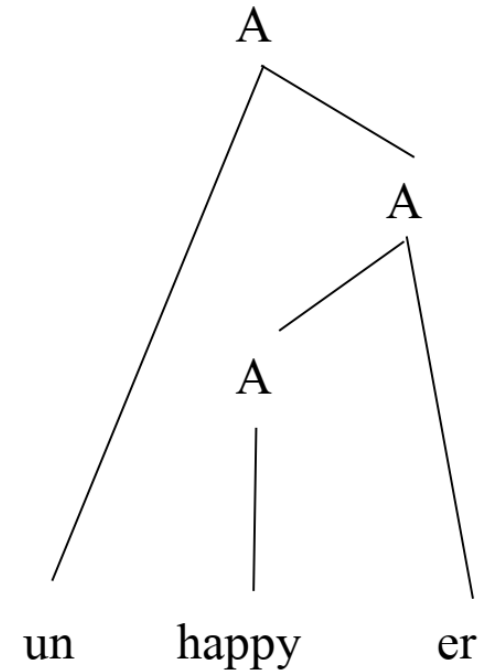
Paradoxo da parentetização

- A formação de adjetivos comparativos do inglês se dá de acordo com uma regra fonológica simples:
 - a) sufixo *-er* se acrescenta a adjetivos de até duas sílabas (*pure* - *purier*; *happy* - *happier*);
 - b) *more* antecede adjetivos de mais de duas sílabas (*comfortable* - *more comfortable*; *terrible* - *more terrible*).
- Isso sugere que o comparativo deveria ser *more unhappy*: mas não é.
- Uma tentativa de reorganização da estrutura interna levaria a (6):

Paradoxo da parentetização

(6) [un [happy-er]]

- respeita a regra fonológica; mas o significado resultante não é *mais infeliz*, mas *não mais feliz*.
- Criou-se o paradoxo
 - a) satisfaz a semântica e viola a fonologia;
 - b) satisfaz a fonologia e viola a semântica.



Bloqueio em Morfologia

Bloqueio em Morfologia

- Na morfologia derivacional, muitas vezes nos chama a atenção a ocorrência de comportamentos distintos para um mesmo elemento em contextos semelhantes: (7).

(7) a.	curi-ous	curios-ity	b.	glory-ous	*glorios-ity
	gener-ous	generos-ity		furi-ous	*furios-ity
	impetu-ous	impetuos-ity		graci-ous	*gracios-ity

- (7a) – nomes em *-ity* se formam a partir de adjetivos em *-ous*
- (7b) – nomes em *-ity* não se formam a partir de adjetivos em *-ous*

Bloqueio em Morfologia

- Os efeitos desse fenômeno podem ser vistos não apenas na derivação (formação de palavras *novas*), mas na flexão (criação de *novas* formas de palavras já existentes), também:

(8) Plural de nomes do inglês

a. child	children	*child-z
b. woman	women	*woman-z
c. person	people	*person-z;

(9) Passado de verbos do inglês

a. go	went	*go-ed
b. be	was/were	*be-ed

Bloqueio em Morfologia

- Os fatos em (7), (8) e (9) requerem explicação. Trata-se de um fenômeno que a literatura em Morfologia chamou de *bloqueio*.
- **Bloqueio:** “the nonoccurrence of one form due to the simple existence of another” (Aronoff 1976: 43)
 - Aronoff afirma que os efeitos de bloqueio também são sentidos na sintaxe: uma palavra existente pode bloquear um sintagma sinônimo: *tonight* – **this night* (inglês padrão).

Bloqueio em Morfologia

- **E por que o bloqueio ocorre?** Para evitar sinonímia (resposta possível)
 - A forma já existente precisa ter o mesmo significado que teria a nova forma, que é bloqueada por ela. Assim:
 - Em (7b), as formas nominais primitivas *glory*, *fury* e *grace* são as responsáveis pelo bloqueio da derivação das formas em *-ity*, que seriam seus sinônimos.
 - Em (8a) e (9a), as formas *children* e *went* têm significados que se repetiriam em **childs* e **goed*, que são bloqueadas.

Bloqueio em Morfologia

- Casos de *doublets* talvez pudessem contestar a hipótese de bloqueio:
compromisso/comprometimento; brothers/brethren.
commission / commital / commitment
- Mas os *doublets* são muito raros e não são, de fato, casos de violação à regra de bloqueio, pois não se trata de expressões sinônimas, na realidade.

- A hipótese de bloqueio parece forte, então:
 - **Mas é realmente verdade que as línguas evitam sinonímia?** Outros dados precisam ser observados:

Bloqueio em Morfologia

(10) a. curiosity	curiousness
b. generosity	generousness
c. impetuosity	impetuousness

- Quando o nome em *-ity* pode ser formado, também pode ser formado um nome em *-ness*, com o mesmo significado, na maior parte das vezes.
- Não é possível, então, justificar o bloqueio como recurso para evitar sinonímia, embora essa pareça ser uma tendência entre as línguas.
- No caso de (10), a alta produtividade do sufixo *-ness* pode ser um fator importante, restringindo a aplicação da regra de bloqueio.

Bloqueio em Morfologia

- Aronoff realiza um experimento para investigar produtividade, usando um conjunto de dados formado com os afixos *-ness* e *-ity*, considerando, ainda, o resultado de associá-los a um conjunto fixo de bases: **de adjetivos terminado em *-ous***. O autor faz **quatro** observações:

I- Efeitos fonológicos da afixação de *-ness* ou *-ity*:

- afixação de *-ness* não tem efeito fonológico;
- *-ity* atrai o acento para a sílaba anterior a ele e pode levar ao apagamento de *-ous*:

(11) a. *cúrious* *curiósity*
 b. *various* *variety* regra de truncamento

II- Listagem lexical:

- a **regra de truncamento** tem aplicação restrita, mas sem padrão:
- as palavras a que essa regra vai se aplicar precisarão ser listadas lexicalmente.

Bloqueio em Morfologia

III- Significados das formas em *-ness* e *-ity*:

- Todas as palavras *Xousness* significam uma das três coisas em (12): o significado da forma derivada com *-ness* é composicional;

- | | |
|---------------------------------------|-------------------------------------|
| (12) a. o fato de que Y é Xous | <i>Y's furiousness suprised me.</i> |
| b. o quanto Y é Xous. | <i>Y's furiousness suprised me.</i> |
| c. a qualidade ou estado de ser Xous. | <i>Furiousness is not a virtue.</i> |

- A forma derivada com *-ity* pode ter um significado idiossincrático adicional.

- (13) a. There are several *varieties* of fish in the pond.
b. They admired his dress, but only as a *curiosity*.
c. The *continuities* for next weeks episode...

Bloqueio em Morfologia

IV- Alguns casos em que o afixo *-ity* **não** pode se associar a um adjetivo terminado em *-ous* supostamente não são arbitrários, mas podem se dever ao fato de já existir um nome primitivo correspondente a essas bases adjetivais:

(14) a. glorious	*gloriosity	gloriousness	glory
b. furious	*furiosity	furiousness	fury
c. gracious	*graciosity	graciousness	grace
d. fallacious	*fallacity	fallaciousness	fallacy
e. acrimonious	*acromoniosity	acrimoniousness	acrimony

- Como já dissemos, Aronoff afirma que o léxico vai evitar sinonímia entre seus membros: bloqueio.
- A pergunta que se coloca, então é: **Por que as formas em *-ness* são possíveis?**
 - Essas formas derivam de Regras de Formação de Palavras inteiramente produtivas, sem restrições lexicais;
 - Não estão listadas no léxico: se não estão listadas, deveriam ser bloqueadas pelas primitivas.

A NOÇÃO DE PALAVRA

A noção de palavra

- Palavra é o tema central da Morfologia, a unidade mínima de análise linguística – modelos tradicionais (palavra e paradigma).
- Estruturalismo
 - Surgimento da noção teórica de morfema: a identificação de morfemas passa a ser o objetivo da análise linguística;
 - A palavra:
 - deixa de ser a unidade mínima de análise linguística;
 - Perde a razão de ser uma unidade relevante na estrutura da língua.
- Problemas:
 - O que é a palavra, então, se ela não é mais uma unidade estrutural?
 - Qual deve ser, afinal, essa unidade?

A noção de palavra

- O que é palavra?
 - Bloomfield, 1926 (estruturalismo) – “a palavra é a forma livre mínima: uma forma que pode ocorrer isoladamente, por si só constituindo um enunciado, e não podendo ser totalmente subdividida em formas livres”.
 - livre: distingue-se dos morfemas presos, radicais, afixos ou clíticos;
 - mínima: distingue-se dos sintagmas oracionais, que podem conter mais de uma forma livre.
 - É uma boa definição?
 - Pode ser, pois tem foco na palavra como unidade estrutural;
 - **MAS**: nela, nada se diz sobre a dificuldade de reconhecimento de uma palavra no fluxo da fala, nem sobre a distinção entre palavras e suas diferentes manifestações de natureza flexional;
 - o que ela nos faz pensar sobre a **composição**? Sua segmentação nos leva a formas livres?
- (1) sofá-cama, navio-escola, bomba-relógio, etc
- (2) truckdriver

A noção de palavra

- Composição:
 - Gramática tradicional: construção lexical baseada em duas palavras ou mais;
 - Estruturalismo (Bloomfield): construção lexical baseada em dois ou mais radicais: [[truck drive] er] (se podemos constatar que o segundo elemento é o radical que serve de base para *driver*, por hipótese, o primeiro elemento é um radical também)
- Por que é importante destacar essa diferença de visão da composição em modelos distintos?
 - A crítica à definição estruturalista para “palavra” deve ser feita a partir de pressupostos estruturalistas;
 - Se, no estruturalismo, um composto é uma palavra, que tem radicais como partes menores, essas partes menores não são elementos livres dentro dos compostos: não são palavras (a definição de Bloomfield para palavra como uma unidade livre e mínima continuaria se sustentando);
 - É desse ponto de vista que ele fala: então, a crítica precisa vir do mesmo ponto de vista;

A noção de palavra

- Mas essa visão de composição pode, de fato, se aplicar aos dados de composição no português de palavras, em (1)?
 - Podemos, mesmo dizer que *carro-bomba* não se subdivide em duas formas livres: *carro* e *bomba*?

(3) carro-bomba

carr-Ø-o

carr-et-a

carr-oç-a

carr-inh-o

carr-et-eir-o

bomb-Ø-a

bomb-eir-o

bomb-ástic-o

bomb-ard-a

bomb-ard-ei-o

- Para dizermos que carro-bomba se constitui de dois radicais, sua forma deveria ser como (4):

▪(4) *carr-bomb

A noção de palavra

- O problema está na definição estruturalista de Bloomfield para “palavra” ou na caracterização de composição dentro do mesmo modelo, que envolve a noção de palavra?
 - Parece que as duas coisas são problemáticas...
 - É preciso refinar a definição de composto e, também, definir a noção de “palavra gramatical” dentro do quadro teórico relevante.

Referências

- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge. MA. MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas, revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, jul./dez. 2000.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C.; MEDEIROS, A.B. *Para Conhecer Morfologia*. São Paulo. Contexto, 2016.
- HASPELMATH, M.; SIMS, A. D. *Understanding Morphology*. London: Hodder Education, an Hachette UK Company, 2010, 2nd Edition.
- LIEBER, R. *Introducing Morphology*. Cambridge: CUP, 2010.
- SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1991.
- VILALVA, A. Palavras, que as há. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 125-139, jul./dez. 2012.

Obrigada!!!